

## Editorial

## A QUEM INTERESSA?

A lei anterior, da época da ditadura, não fazia distinção entre o usuário e o traficante de drogas. Em 2006, o Estado democrático de direito decidiu aliviar a pena de um e aumentar a de outro. Não adiantou.

A Lei de Drogas está fazendo dez anos e, apesar de estabelecer a diferença, continua prendendo cada vez mais, muito em razão de que a criminalidade avança celeremente no país e o tráfico contribui com parte substancial.

As cadeias estão superlotadas. O país é o quarto que mais prende. Enquanto a média mundial por 100 mil habitantes é de 144 presos, no Brasil ela é de 300 detentos. E o tráfico é o que mais leva gente para a cadeia.

Em Minas, 33% da população carcerária procede do tráfico de drogas. Em 2005, eles eram 3.237. Em 2016, já são 21.407. O aumento foi de 561%. A maioria deles é constituída de jovens, negros e pobres.

A interpretação da lei é subjetiva, e os juízes mandam para a cadeia gente, nas periferias das cidades, que está na ponta do tráfico, às vezes para sustentar o próprio vício. As redes de tráfico não são desmanchadas.

Enquanto uma tonelada de droga é apreendida, outras dez entram no país. O tráfico está presente nos menores municípios. As organizações criminosas exibem sua força nas comunidades e para a própria polícia.

Se o tráfico aumenta, é porque existe demanda. Trata-se de um negócio próspero e que emprega muitos braços. Em dez anos, o número de mulheres empregadas no tráfico subiu 427%. O de homens, 573%.

O negócio, porém, é perigoso. Responde pela maioria dos homicídios de jovens. Na capital, enquanto, de janeiro até agora, morreram 33 pessoas por overdose, houve 341 homicídios, 60% deles relacionados ao tráfico.

A Lei de Drogas não só é ineficiente, mas é prejudicial. Seu custo social é uma tragédia. Como afeta a parte mais desassistida da população, ninguém se preocupou, até hoje, em encontrar uma solução para o problema.

## SEMPRE EDITORA LTDA

**FUNDADOR** Vittorio Medioli  
**PRESIDENTE** Laura Medioli  
**VICE-PRESIDENTE** Marina Medioli  
**DIRETOR EXECUTIVO** Heron Guimarães

**GERENTE COMERCIAL**  
Alessandra Soares

**GERENTE DE TECNOLOGIA**  
Fábio A. Santos

**GERENTE INDUSTRIAL**  
Guilherme Reis

**GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO**  
Walmir Prado

**GERENTE DE MARKETING**  
Monique Araki

**GERENTE DE CIRCULAÇÃO**  
Isabel Santos

**EDITORA EXECUTIVA**  
Lúcia Castro

**SECRETÁRIA DE REDAÇÃO**  
Michele Borges da Costa

**ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO**  
Murilo Rocha

**CHEFE DE REPORTAGEM**  
Renata Nunes

**EDITORES**

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Magazine: Silvana Mascagna

Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla

Política: Ricardo Corrêa

Esportes: Denner Taylor

Cidades: Marina Schettini

Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

## O.PINIÃO



www.dukechargista.com.br



**FÁTIMA OLIVEIRA**

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

## Será que conseguimos expurgar o jaguncismo da política brasileira?

Em 2015 foi a política que saiu perdendo; em 2016, o povo e o país

A resposta não é fácil, embora tenha sido cassado, recentemente, em 12.9.2016, o mandato do deputado federal Eduardo Cunha (PMDB-RJ), que presidiu a Câmara dos Deputados de 1º de fevereiro de 2015 até renunciar ao cargo, em 7 de julho de 2016. Ele é a figura mais escancarada do jaguncismo da política brasileira: lobista e evangélico fundamentalista, aspirava tornar o Brasil uma teocracia neopentecostal.

Desde a eleição do atual Congresso Nacional, o diretor de Documentação do Diap, Antônio Augusto, cantou a pedra: "São sérios os riscos de retrocessos em relação aos direitos civis e à legislação trabalhista", pois o Congresso eleito em 2014 era o mais conservador desde o fim da ditadura de 1964 – mais do que suficiente para dar o ar de trevas que nada tem a dever à jagunçagem!

Vivenciamos até agora uma explosão de ódio fascista ao povo e a suas conquistas políticas e sociais; aos partidos de esquerda e a suas lideranças; ao país, via pautas neocolonialistas – dilapidação das riquezas nacionais – de interesse da burguesia local e internacional!

Eduardo Cunha "pintou e bordou" no período no qual presidiu a Câmara dos Deputados. Parecia ter poderes ilimitados e posava de presidente da República. Não apenas encaminhou projetos de lei contra os direitos trabalhistas, como defendia o machismo e a misoginia e se posicionava contra qualquer proposta civilizatória de conferir direitos a pessoas discriminadas.

Ele logrou êxitos inclusive no pleito de colocar na Presidência da República o PMDB ao arripio do voto popular. A esquerda mundial considera que Dil-

ma Rousseff foi vítima de um golpe jurídico, parlamentar, além de midiático, misógino e elitista, já que contra a deposição não conseguiram provar absolutamente nada!

O caso Eduardo Cunha demonstra por que um expressivo número de políticos gasta rios de dinheiro para se eleger aos parlamentos municipais e estaduais e ao Congresso Nacional (deputados federais e senadores), quando o salário nominal de um parlamentar durante uma legislatura é insuficiente para cobrir as despesas de sua eleição. É que, para a maio-

Cunha é Hermógenes puro, um chefe jagunço de "Grande Sertão: Veredas", que nem sequer respeitava as leis da jagunçagem, como disse Riobaldo

ria deles, sobretudo os de extração conservadora e direitista, o mandato só tem uma serventia: ser um balcão de negócios escusos, numa cultura de bonificações e patrimonialismo, em que sociopatas transitam em todas as esferas!

Especialistas dizem que "as sociopatas – grosso modo: personalidade antissocial – atingem de 1% a 3% da população. Mas nos meios políticos pode chegar a 6%. São pessoas ávidas por poder e buscam-no, de qualquer jeito! Onde há corrupção, que é uma doença social, ela é feita por quem porta transtornos de personalidade de inegável caráter antissocial, ou narcísico, ou 'borderline'. Sociopatas não são doentes, portam personalidades

bandidas que podem chegar ao banditismo" (Oliveira, Fátima. "Sociopatia & poder", 15.5.2006).

"Pra quem sabe ler, um pingo é letra": após Eduardo Cunha se aboletar na presidência da Câmara dos Deputados, escrevi que ele seria um Severino Cavalcanti (2005) piorado e mais virulento. Se Severino Cavalcanti era um paspalhão desde o olhar, Cunha é puro Hermógenes, um chefe jagunço de "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa, que nem sequer respeitava as normas/leis da jagunçagem, como disse Riobaldo Tatarana: "O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado" (Oliveira, Fátima. "Uma república democrática e laica sob o sistema jagunço", O TEMPO, 17.2.2015).

Como em 2005, em 2015 foi a política que saiu perdendo e, em 2016, o povo e o país.

DUKE

